

(NÃO) É SÓ UMA PALAVRA: A ESCOLHA DE NFT COMO PALAVRA DO ANO PELO DICIONÁRIO COLLINS

Silmara Dela Silva¹
Ronaldo Adriano de Freitas²

Resumo: O presente artigo analisa a escolha de NFT (token não fungível) como palavra do ano pelo dicionário Collins. Pela interlocução da Análise do Discurso com a História das ideias Linguísticas, estabelece relações entre a designação de uma palavra techno-econômica como palavra do ano por um dicionário e a circulação midiática dessa designação, de modo a analisar como sua eleição se torna acontecimento jornalístico na mídia. Especificamente no caso da escolha de NFT, marca-se uma relação entre linguagem e tecnologia que não é sem efeitos na conjuntura sócio-histórica, demonstrando, assim, o modo pelo qual a produção de sentidos em/sobre um dicionário reflete/sustenta as relações de classe nessa formação social.

Palavras-chave: Discurso; dicionário; palavra do ano; NFT; mídia.

IT'S (NOT) JUST A WORD: COLLINS DICTIONARY'S CHOICE OF NFT AS WORD OF THE YEAR

Abstract: This article aims to analyze the choice of NFT (non-fungible token) as word of the year by the Collins dictionary. Through the dialogue of Discourse Analysis with the History of Linguistic Ideas, it establishes relationships between the designation of a techno-economic word as word of the year by a dictionary and the media circulation of this designation, in order to analyze how its election becomes a journalistic event in the media. Specifically in the case of choosing NFT, a relationship between language and technology is marked, which doesn't fail to have effects on the socio-historical conjuncture, which demonstrates the way in which the production of meanings in/about a dictionary reflects/supports class relations in this social formation.

Keywords: Discourse; dictionary; word of the year; NFT; media.

1 Doutorado em Linguística pela UNICAMP (2008), Professora Associada da UFF, no Departamento de Ciências da Linguagem. E-Mail: silmaradela@gmail.com

2 Doutorado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, Brasil (2020) efetivo do Instituto Federal Fluminense, Brasil. E-mail: ronaldofreitas.tec@gmail.com

Introdução

No final de novembro de 2021, ganhou ampla circulação na mídia a divulgação daquela que havia sido eleita “a palavra do ano” pelo Dicionário Collins: NFT.³ Sigla para a expressão “non-fungible token”, NFT, em sua opacidade, ganhou os noticiários e as redes sociais em meio a palavras outras, como “vax”, por exemplo, também eleita “palavra do ano” para o mesmo período, mas pelo Dicionário Oxford.⁴

A tradição de escolha de uma palavra capaz de representar um ano tem sido uma prática de dicionários e editoras: além dos dicionários Oxford e Collins, em língua inglesa, a Porto Editora, em Portugal, também elege, desde 2009, “a palavra do ano”, a partir da “análise de frequência e distribuição de uso das palavras e do relevo que elas alcançam, tanto nos meios de comunicação e redes sociais como no registro de consultas online e mobile dos dicionários da Porto Editora” (PALAVRA DO ANO, 2021).

Partindo da observação de Auroux (2014) da relação entre a produção dos instrumentos linguísticos e a produção da atividade linguística, compreendemos que, enquanto processo de instrumentação linguística, a produção de um dicionário participa do sistema de relações espaço-temporais denominadas pelo autor hiperlín-gua, o qual funciona como instância de regulação e legitimação necessárias ao funcionamento da língua.

Por sua vez, pela perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso que se desenvolve a partir das proposições de Michel Pêcheux, sabemos que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’”, sendo “determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEUX,

[1975] 1997, p. 160, itálico do autor).

Desse modo, os dicionários (e os dizeres que sobre ele circulam) são assim tratados nessa interlocução (ORLANDI, 2021) como materialidades discursivas, objetos eivados de história, e que dessa história participam. Essa relação entre historicidade, ideologia e instrumentação linguística é tomada por Petri e Scherer (2016) como elemento constitutivo do funcionamento do dicionário. Para as autoras, o imaginário de um saber que domestique a palavra e a torne apreensível é constitutivo do sujeito; “E assim os instrumentos linguísticos vão ganhando seu funcionamento, são eles os grandes senhores que poderiam controlar e dominar os processos de produção de significação de um determinado saber”. (PETRI e SCHERER, 2016, p. 364).

Nesse processo de asseveração dos sentidos, a escolha da palavra do ano se inscreve nos novos modos de produção de dicionários possibilitados pelas redes informacionais (FREITAS, 2020). No funcionamento digital marcado pelo efeito de atualidade, a determinação dessa palavra coloca o dicionário no lugar daquele que não apenas define a palavra, mas que lhe designa a importância num dado lapso temporal, marcando ali também seu lugar de balizador de uma historicidade. É esse lugar que vai se espriar nas circulações midiáticas, que ao remeterem ao discurso lexicográfico, produzem o efeito circular de dupla confirmação: a mídia se filia a um discurso de estabilização de sentidos, ao mesmo tempo em que confirma esse lugar de estabilização à produção dicionarística.

A “palavra do ano” implica escolhas e engendra discursividades. É pela opacidade de sentidos que se marca na sigla NFT, então tomada como uma palavra – e não qualquer palavra – que se inscrevem sentidos que dizem do contexto sócio-histórico atual e dos sujeitos em suas relações. Voltamos, desse modo, ao seu funcionamento discursivo, com vistas a estabelecer relações entre a designação de uma palavra tecno-econômica como palavra do ano por um dicionário e a circulação midiática dessa desig-

3 <https://www.collinsdictionary.com/pt/woty>. Acesso em: 24 mar. 2022.

4 <https://languages.oup.com/word-of-the-year/>. Acesso em: 24 mar. 2022.

nação. Propomo-nos a analisar, assim, o modo como sua eleição se torna acontecimento jornalístico na mídia e, especificamente no caso da escolha anunciada pelo Dicionário Collins – NFT –, como se marca uma relação entre linguagem e tecnologia que não é sem efeitos em nossa conjuntura sócio-histórica.

A “palavra do ano” como acontecimento jornalístico

Uma pesquisa rápida no buscador Google é o suficiente para mostrar como a escolha da “palavra do ano”, geralmente divulgada de início em sites e redes sociais de cada dicionário ou editora, possui também o seu espaço de circulação na mídia jornalística. Isso porque a escolha gera notícia, produzindo um relato na mídia sobre a própria palavra selecionada, sobre as palavras com as quais ela concorreu durante o ano e sobre as palavras que foram eleitas em anos anteriores. Assim, se consideradas somente de forma textual, as notícias sobre a eleição da “palavra do ano” percorrem a mídia porque trazem uma informação nova, atendendo a critérios de noticiabilidade que definem aquilo que será ou não noticiado em um determinado período como uma consequência de sua atualidade e seu interesse junto aos leitores.

Entendemos, no entanto, que as notícias funcionam discursivamente e se constituem a partir de acontecimentos jornalísticos. Formulada a partir da compreensão do discurso como um acontecimento que se dá, conforme Pêcheux ([1983] 2008, p. 17), “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, a noção de acontecimento jornalístico é tomada “como um acontecimento do discurso, uma prática discursiva, uma vez que, ao ser formulado, ele promove gestos de interpretação que atualizam e retomam sentidos em curso, em um dado momento histórico.” (DELA-SILVA, 2015, p. 224).

Por acontecimento jornalístico entendemos, assim, o modo como aquelas que normal-

mente são compreendidas como meras notícias, decorrentes do relato descomprometido de um fato com circulação nas diferentes mídias, são resultantes de práticas discursivas, que encerram gestos de interpretação determinados, por sua vez, por posições ideológicas. O que circula na mídia na condição de um relato jornalístico é consequência da própria prática discursiva da/na mídia, que constrói o jornalismo e(m) suas práticas, e determina aquilo que pode ou não ser noticiado em uma conjuntura sócio-histórica.

No caso das notícias em curso na mídia jornalística sobre “a palavra do ano”, temos um acontecimento jornalístico que resulta da construção de uma palavra que, por sua ocorrência em condições de circulação específicas, é considerada destaque. É a palavra em si mesma que se torna um acontecimento jornalístico, passando a comportar um discurso sobre. Conforme Mariani (1998, p. 60, *itálicos da autora*): “Os discursos sobre são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória”, uma vez que o falar sobre, segundo a autora, funciona por um efeito de tornar (re)conhecido aquilo sobre o que se fala.

Falar sobre a “palavra do ano” produz efeitos de naturalização sobre a própria prática de escolha de uma palavra; e o modo como se diz sobre a “palavra do ano” na mídia jornalística também produz os seus efeitos: embora seja um discurso sobre a própria palavra, é a suposta transparência de seu sentido (e não sua materialidade) que se torna objeto do discurso jornalístico.

Para seguirmos com a reflexão acerca do modo como a “palavra do ano” se torna um acontecimento jornalístico na mídia, passamos à análise de algumas sequências discursivas (SD) recortadas de três notícias que circularam na mídia jornalística on-line, em novembro de 2021, e que retornaram como resultado da busca para a expressão “palavra do ano 2021” no Google.

SD1: Tecnologia

‘NFT’ é eleita a palavra do ano 2021 pelo dicionário Collins

Sigla em inglês para ‘non-fungible token’ se refere um selo digital que pode ser associado a uma foto, um vídeo ou qualquer tipo de arquivo digital (G1, 24/11/2021)

SD2: Tecnologia

“NFT” é eleita a palavra do ano pelo dicionário Collins

Sigla em inglês para “token não fungível” venceu concorrentes “cripto” e “metaverso” (CNN, 24/11/2021)

SD3: você viu?

NFT é eleita palavra do ano pelo dicionário Collins; veja top 10

Além disso, lista inclui alguns termos relacionados à pandemia (FSP, 24/11/2021)

As três sequências discursivas apresentadas inicialmente trazem o conjunto de chapéu, título e linha fina de notícias sobre a divulgação da “palavra do ano”, que circularam respectivamente no portal G1, na rede CNN e no jornal Folha de S. Paulo, na mesma data. Nos três casos, temos um título centrado na sigla NFT, aquela que fora “eleita a palavra do ano (2021) pelo dicionário Collins”. Enquanto na SD3 temos a inscrição da notícia sob o chapéu “você viu?”, entrelaçando a notícia a efeitos de atualidade e informatividade, nas SD1 e SD2, a notícia se inscreve em uma editoria específica: “Tecnologia”.

A relação com a tecnologia não é propriamente uma novidade na escolha da “palavra do ano”. No dicionário Oxford, por exemplo, em 2012 foi eleita como “palavra do ano” a sigla GIF (*Graphics Interchange Format*), seguida, em 2013, pela palavra selfie. Em 2015, o mesmo dicionário elegeu como “palavra do ano” um emoji (chorando de rir), selecionando, assim, uma imagem como palavra. Em análise sobre essa escolha, Costa (2016) aponta para o modo como em nossa formação social a escrita se relaciona à imagem digital, produzindo seus efeitos nos sujeitos. Nos termos da autora: “A escolha

de um emoji como palavra do ano reverbera justamente a discursividade do eletrônico, pois realça, pela linguagem, um modo de estar na sociedade contemporânea e suas implicações político-ideológicas.” (COSTA, 2016, p. 93).

A circulação da notícia sobre a eleição de NFT como “palavra do ano” não é sem efeitos. Sabemos, com Orlandi (2001), que os discursos são como se constituem, como são formulados e como circulam. As condições de circulação de um dizer são parte constitutiva do modo como se produzem seus efeitos de sentidos. A localização de NFT no campo da tecnologia dá início a um processo de produção de sentidos para a palavra, que será marcado nas tentativas de sua definição, ao longo das três notícias.

Esse processo de buscar definir o que seria NFT se marca já na linha fina da SD2, em: “... se refere um selo digital que pode ser associado a uma foto, um vídeo ou qualquer tipo de arquivo digital”. E prossegue ao longo das notícias, como podemos observar nas sequências discursivas a seguir:

SD4: O termo é uma sigla em inglês para ‘non-fungible token’ (token não fungível, em português) e se refere um selo digital que pode ser associado a uma foto, um vídeo ou qualquer tipo de arquivo digital. (G1, 24/11/2021)

SD5: Um NFT é “um certificado digital exclusivo, registrado em um blockchain, que é usado para registrar a propriedade única de um ativo, como uma obra de arte ou um colecionável”, de acordo com uma postagem do blog da Collins, publicada nesta quarta-feira (24). (CNN, 24/11/2021)

SD6: O dicionário define NFT como “um certificado digital exclusivo, registrado em um blockchain, que é usado para registrar a propriedade de um ativo, como uma obra de arte ou um colecionável”. Em 2021, [memes como “A menina do desastre”](#) e o [vídeo viral «Leave Britney Alone»](#), e obras de arte da [cantora Grimes](#) foram

vendidos desta forma. (FSP, 24/11/2021)

Nas três sequências discursivas aqui expostas, marca-se a tentativa de dizer o que é um NFT: “... se refere um selo digital...” (SD4); “... é um certificado digital exclusivo...” (SD5); “O dicionário define NFT como...” (SD6), trazendo para o fio do discurso o enunciado definidor presente no Dicionário Collins. Conforme afirma Mazière (2008, p. 48), ao retomar os trabalhos de André Collinot sobre o enunciado definidor, “no interior da definição, se pode estudar de maneira privilegiada o que M. Pêcheux denominou ‘pré-construído’”, isso porque o enunciado definidor, funciona discursivamente como um “pronto a dizer” [“prêt à parler”] (MAZIÈRE, 2008), que apaga as relações entre o dizer, o já-dito e os apagamentos e/ou silenciamentos que dele são constitutivos.

Pelo funcionamento do pré-construído, compreendido, conforme Pêcheux ([1975] 2007, p. 164), como correspondendo “ao ‘sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece -impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (‘o mundo das coisas’)”, NFT tem o seu sentido associado a um selo ou certificado digital, produzindo, assim, o efeito de que todos sabemos do que se trata uma certificação desse tipo. É o enunciado definidor presente no próprio dicionário que é mobilizado no dizer jornalístico, marcando a memória discursiva de que ao dicionário compete definir palavras, que imaginariamente somente dizem sobre aquilo que já existe.

Esse efeito referencial que se instaura para a “a palavra do ano” se marca também nos exemplos que compõem no dizer jornalístico para, ao lado do enunciado definidor, fazer com que NFT faça sentido. Na SD6, são exemplos de memes e vídeos que viralizaram na internet que são mobilizados como que para conferir existência à palavra, como se pode observar em: “[memes como “A menina do desastre”](#) e o [vídeo viral «Leave Britney Alone»](#), e obras de arte

da [cantora Grimes](#) foram vendidos desta forma.”. Também a menção a “uma foto, um vídeo ou qualquer tipo de arquivo digital” (SD4) produz o efeito de ancoragem da palavra no “mundo das coisas”. É assim que o enunciado definidor busca produzir para NFT a sua inscrição como palavra no universo das coisas a saber de que nos fala Pêcheux ([1983] 2008).

Enquanto um acontecimento jornalístico, a “palavra do ano” produz ainda um efeito: aquele de discursivamente se enlaçar a dizeres já-ditos e, ao mesmo tempo, dar a saber sobre uma atualidade. Vejamos como isso se marca em sequências discursivas recortadas das notícias que tomamos para análise:

SD7: “NFT” superou outras duas palavras relacionadas com tecnologia na lista inicial que o dicionário Collins considerou para eleger o termo do ano: “crypto”, uma abreviação de “criptomoeda” e “[metaverso](#)”, que descreve um mundo virtual.

Em outubro, a [palavra vax, uma forma de abreviada de dizer vacina em inglês](#), foi escolhida a palavra do ano de 2021 pelo dicionário de língua inglesa Oxford.

No ano passado, o dicionário Collins [escolheu “lockdown” como palavra do ano](#). (G1, 24/11/2021)

SD8: Em março, uma obra de arte digital chamada “Everydays: The First 5000 days” foi vendida por US\$ 69,3 milhões pela empresa Christie’s, tornando seu criador, o designer gráfico Mike Winkelmann, mais conhecido como Beeple, um dos artistas vivos mais valiosos do mercado de arte.

A ideia de uma revolução digital também é capturada em outro candidato ao dicionário para a

Palavra do Ano: “cripto”, abreviação de “criptomoeda”, dinheiro digital que está desafiando as formas tradicionais de dinheiro, de acordo com a editora Collins. (CNN, 24/11/2021)

Nas SD7 e SD8, marca-se a relação entre a palavra escolhida – NFT – e outras palavras que igualmente estariam em evidência ao longo do ano de 2021; e, também, é retomada, na SD7, aquela que antecedeu NFT como “palavra do ano”: “lockdown”. É assim que o acontecimento jornalístico da “palavra do ano” faz funcionar o jogo entre atualidade e memória de que nos fala Pêcheux ([1983] 2008), ao tratar do modo como a mídia faz “trabalhar” o acontecimento discursivamente. É nesse movimento que as informações “novas”, como a especificidade do NFT em um processo de venda de uma obra de arte digital, por exemplo, vai se enlaçando a dizeres sobre as cifras movimentadas digitalmente, e se inscrevendo no espaço de memória em que palavras relacionadas à pandemia de COVID-19 também alcançaram ampla circulação. É assim, conforme Pêcheux ([1983] 2008, p. 19-20), “o acontecimento jornalístico e da mass-media que remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente [...] e profundamente opaco”.

Em meio a inscrição dos dizeres sobre o NFT no universo da tecnologia, o que se marca em termos e expressões como “mundo virtual”, “obra de arte digital”, “revolução digital”, presentes no fio do discurso da SD7 e da SD8, passam a se inscrever também sentidos outros, relacionados ao funcionamento da formação social capitalista: “vendida por US\$ 69,3 milhões”; “empresa Christie’s”; “mais valiosos do mercado de arte”; “dinheiro digital”.

Como afirma Nunes (2003, p. 16), ao apontar para o funcionamento de uma análise discursiva de enunciados definidores: “os sentidos da definição, de um ponto de vista discursivo, não são detectáveis no interior de um enunciado definidor, tomado isoladamente, mas sim na relação que esse enunciado estabelece com outros

em determinadas formações discursivas”. Sob o efeito de transparência do sentido, NFT é eleita “palavra do ano” em uma dada conjuntura sócio-histórica, que não pode ser apartada do modo como para ela se produzem efeitos de sentidos.

Das condições de produção de NFT como palavra do ano

A dupla ancoragem do discurso jornalístico e lexicográfico na circulação da palavra NFT como palavra do ano não pode ser discursivamente compreendida sem descrição das relações de força que a fazem circular e produzir sentido. As condições de produção que determinam tal escolha a e impulsionam ao status de acontecimento jornalístico compreendem o contexto de uma possível saída de um cenário pandêmico mundial, o qual não se estanca de uma historicidade movida pelas relações de classe, das quais nos fala Pêcheux. Para o filósofo, a produção da metalinguagem, suas diversas teorias, apontam para o lugar do materialismo histórico como base da compreensão dos mecanismos discursivos.

Essa abordagem, nos dizeres de Pêcheux ([1971] 2014, p.127), desafia os estudos de linguagem a “se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo”, pela apreensão daquilo que

[...] o materialismo histórico designa pela expressão relações sociais, que resulta de relações de classe características de uma formação social dada (através do modo de produção que a domina, a hierarquia das práticas de que este modo de produção necessita, os aparelhos através dos quais se realizam essas práticas, as posições que lhes correspondem, e as representações ideológico-teóricas e ideológico-políticas que delas dependem). (PECHÊUX, [1971] 2014, p.127, *itálicos e parênteses do autor*)

Pêcheux propõe, assim, “reservar a expressão processo discursivo (processo de produção do discurso) ao funcionamento da base lingüís-

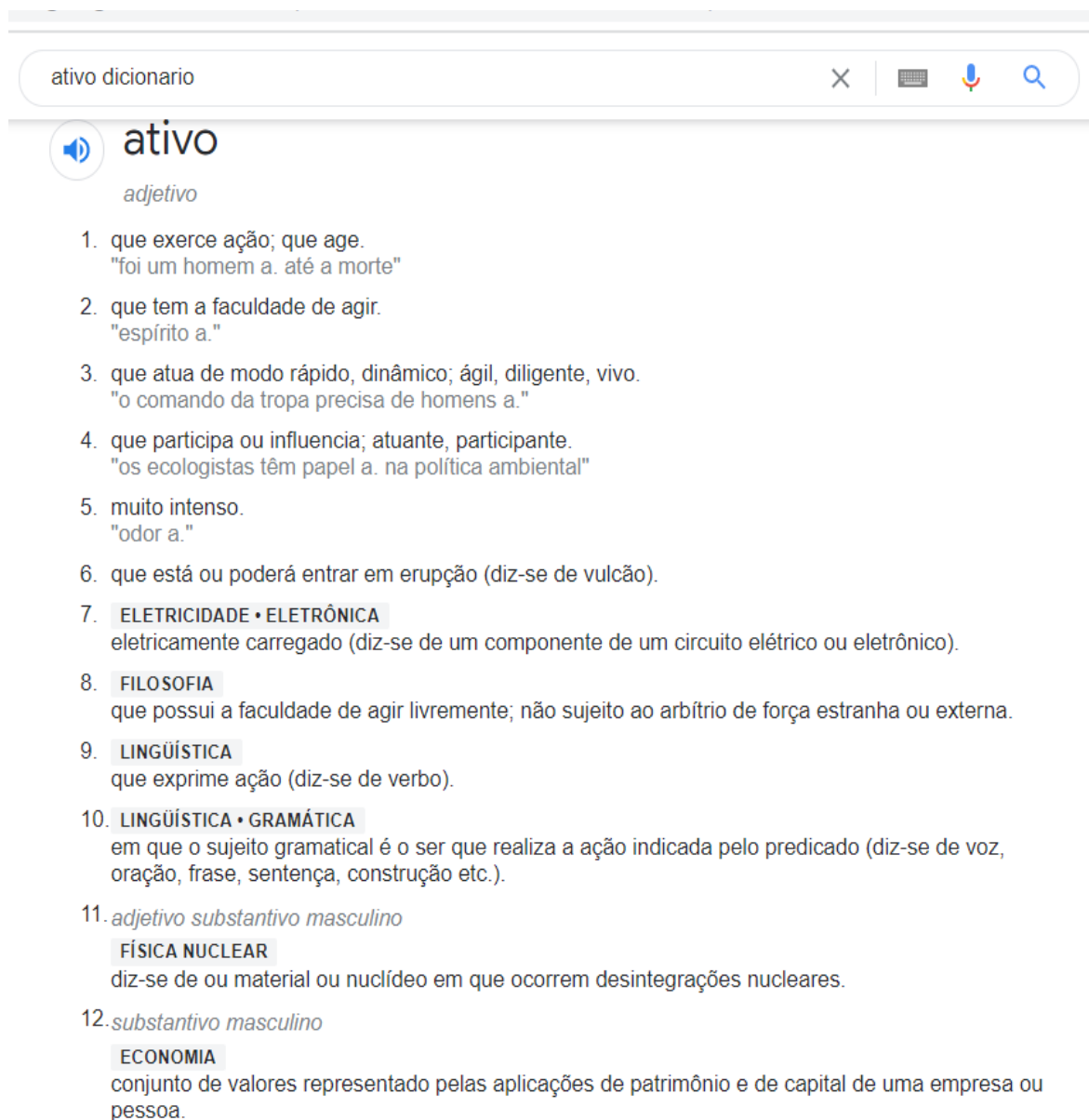


Figura 1: Print screen de busca no dicionário Google pela palavra “ativo”.

tica em relação a representações (...) postas em jogo nas relações sociais.” (PECHÊUX, [1971] 2014, p.128). Tomadas como estruturantes do processo de produção de sentidos, essas relações compõem nas formulações em torno da eleição de NFT como palavra do ano.

O processo discursivo é intrínseco ao modo histórico de produção que sustenta determinada formação social. Os discursos (midiáticos, lexicográficos...) se produzem na história e produzem, pela/na ideologia, a realidade social e os sujeitos que a compõe. A análise da cons-

tituição desses discursos permite a construção de trajetórias temáticas e linhas associativas que possibilitam paralelamente compreender a movimentação histórica da composição (contradição) desse quadro social.

Retomando a SD 6, que reproduz o enunciado definidor da palavra do ano, encontramos a expressão “registrar a propriedade de um ativo” (tradução para: “to record [ownership](#) of an [asset](#)”, em inglês) como um atributo da palavra NFT. É nessa relação entre registro/símbolo (token) e o jargão econômico, que “ativo” rece-

be, segundo o dicionário Google5: o sentido de “conjunto de valores representado pelas aplicações de patrimônio e de capital de uma empresa ou pessoa.”, como podemos observar na figura 1 (acepção 12):

É essa filiação ao campo do “mercado de ações e capitais” aliada ao aspecto tecnológico que nos faz pensar a palavra NFT como palavra tecno-econômica. Nos dizeres da equipe editorial que a selecionou: “This convergence of money and the internet leads us to 2021’s word of the year: NFT.”6

A escolha do Collins, e sua reverberação midiática, contrasta com as escolhas da maioria dos dicionários que também elegem a palavra do ano, e que tiveram no campo das vacinas a escolha de sua palavra. Trata-se de uma palavra que põe o Dicionário Collins no campo da inovação: se as vacinas são o acontecimento mundial de 2021, encerrando um ciclo pandêmico avassalador, NFT aponta para um mundo paralelo à crise de saúde, cujos sentidos clamam por estabilização.

Petri (2019, p. 231) chama a atenção para a essa “pretensa estabilização de sentidos que promove, por exemplo, a entrada de um neologismo no espaço da língua” e o papel dos dicionários na produção desse imaginário de língua na relação com as formações ideológicas. Escolher a palavra que alia dinheiro à tecnologia é atender a uma demanda de mercado, a que Silveira (2021) denomina “Capitalismo Digital”. Para o autor: “O avanço das plataformas digitais para todos os segmentos da economia segue o processo de dataficação, ou seja, a conversão dos fluxos da vida em fluxo de dados que são extraídos, armazenados e tratados com objetivos de ampliar o domínio do capital sobre a sociedade. (SILVEIRA, 2021, p. 8).

A subsunção do discurso lexicográfico ao midiático não é sem o funcionamento de uma

5 <https://www.google.com/search?q=ativo+dicionario>

6 <https://blog.collinsdictionary.com/language-lovers/get-your-crypto-at-the-ready-nfts-are-big-in-2021/> Em tradução livre: Essa convergência entre dinheiro e internet nos levou a escolha da palavra do ano: NFT.

ordem econômica que movimenta a luta de classes e provê formas-sujeito a novos investidores, criadores, mineradores e negociadores dos ativos tecnológicos que (co)operam para a acumulação de capital. Vista do lugar do materialismo histórico, a revolução tecnológica (e linguística que a sustenta/acompanha) é parte de um fluxo de capitais que opacifica ainda mais as relações de trabalho/propriedade/mais valia, e que justifica uma realidade de criação de diferenças sociais.

Tais reflexões nos levam a perguntar: para quem NFT é a palavra do ano? A quem se dirige um dicionário ou jornal, ao divulgar que entre os fatos mais importantes de 2021, e as palavras que mais se destacaram, a que mais importa é a que possibilita uma nova forma de investimento e circulação do capital? Uma pista pode ser obtida pela alocação da matéria no jornal Estado de São Paulo, em: <https://investidor.estadao.com.br/criptomoedas/nft-eleita-palavra-ano-pelo-dicionario-collins>. É a editoria “e-investidor” que traz sob o chapéu “criptomoedas” o destaque “Por que ‘NFT’ foi eleita a palavra de 2021 pelo Dicionário Collins”. Relação essa que também se marca na imagem escolhida pelo Dicionário Collins em sua página na internet como representativa da palavra NFT (figura 2):

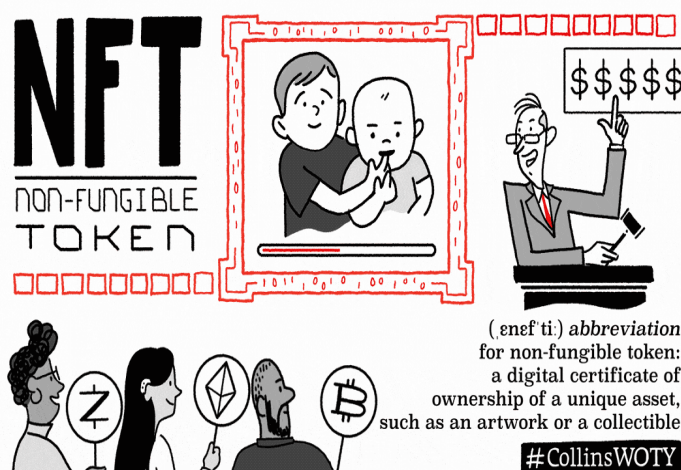


Figura 2: Palavra do ano do dicionário Collins: NFT. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/woty>. Acesso em: 30 abr. 2022.

Trata-se, portanto, de um posicionamento editorial do dicionário que ao mesmo tempo

que contribui para a construção de uma imagem de instrumento linguístico alinhado aos “novos tempos” e às inovações de mercado, colabora para afirmação desses valores, atuando como parte dos aparelhos que realizam as práticas sociais, tal qual nos fala Pêcheux ([1971] 2014).

Para concluir

No percurso que empreendemos nesse artigo, buscamos mostrar em nossas reflexões teórico-analíticas o modo como a relação entre linguagem e tecnologia produz efeitos em nossa conjuntura sócio-histórica. Tomamos como objeto de análise os discursos em circulação na mídia jornalística decorrentes da escolha de NFT (token não fungível) como palavra do ano pelo dicionário Collins.

As análises empreendidas a partir do acontecimento jornalístico que decorre da escolha feita pelo dicionário Collins dá a ver que NFT (não) é só uma palavra: cada dicionário e/ou editora faz a sua própria escolha de uma palavra, mas sempre em relação a outras que igualmente poderiam ter sido escolhidas. Tal escolha engendra discursividades que, por sua vez, apontam para o modo como os processos de produção de sentidos em/sobre um dicionário reflete/sustenta as relações de classe em nossa formação social.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. A hiperlíngua e a externalidade da referência. In: ORLANDI, E. (Org.) Gestos de leitura. Da História no Discurso. Campinas: Unicamp, 2014. p. 249-259.
- COSTA, Greciely C. A palavra do ano é uma imagem. *Fragmentum*. Santa Maria: UFSM, n. 48, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23308/15107>. Acesso em: 24 mar. 2022.
- DELA-SILVA, Silmara. (Des)Construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S.M.L. (Orgs.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas, Pontes Editores, 2015, p. 231-232.
- FREITAS, Ronaldo A. *Instrumentação linguística em rede: análise discursiva de dicionários online*. 2020. 215p. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- MAZIÈRE, Francine. O Enunciado Defini-dor: Discurso e Sintaxe. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *História e sentido na linguagem*. 2 ed. Campinas: Editora RG, 2008. p. 47-59.
- NUNES, José Horta. Definição lexicográfica e discurso. *Língua e instrumentos lingüísticos*, Campinas. n. 11, p. 09-30, 2003.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas/Cáceres: Pontes/UNEMAT, 2001a.
- PALAVRA DO ANO. Iniciativa. Disponível em: <https://www.palavradoano.pt/>. Acesso em: 24 mar. 2022.
- PÊCHEUX, Michel. [1983]. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. [1975]. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.
- PÊCHEUX, Michel. [1971]. *Língua, Linguagens, Discurso*. In ORLANDI, Eni P. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Pontes, 2014. p. 121-129.
- PETRI, Verli; SCHERER, Amanda E. O fun-

cionamento do político na produção de sentidos: o dicionário como trajeto de Leitura. In: Grigoletto, Evandra.; De Nardi, Fabiele. S. A Análise do Discurso e sua História: avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes, 2016. p. 359-373.

PETRI, Verli. “Manifestação” Na Língua e no Dicionário: movimentos de sentido. In: SCHE-
RER, Amanda.; SOUZA, Lucília.; MEDEI-
ROS, Vanise.; PETRI, Verli. (Orgs.). Efeitos da
Língua em Discurso. São Carlos: Pedro & João
editores. 2019. p. 227 – 241.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Capitalismo Di-
gital. Revista Ciências do Trabalho. nº 20, out.
2021. Disponível em: [https://rct.dieese.org.br/
index.php/rct/article/view/286](https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/286). Acesso em: 29
abr. 2022.

Matérias jornalísticas:

GUY, J. “NFT” é eleita a palavra do ano pelo
dicionário Collins. CNN Brasil, 24 nov. 2021.
Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/
tecnologia/nft-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-
dicionario-collins/](https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/nft-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-collins/). Acesso em: 24 mar. 2022.

‘NFT’ é eleita a palavra do ano pelo dicio-
nário Collins. G1, 24 nov. 2021. Disponí-
vel em: [https://g1.globo.com/tecnologia/
noticia/2021/11/24/nft-e-eleita-a-palavra-do-a-
no-2020-pelo-dicionario-collins.ghtml](https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/11/24/nft-e-eleita-a-palavra-do-ano-2020-pelo-dicionario-collins.ghtml). Acesso
em: 24 mar. 2022.

NFT é eleita palavra do ano pelo dicionário
Collins; veja top 10. Folha de S. Paulo, 24 nov.
2022. Disponível em: [https://f5.folha.uol.com.
br/voceviu/2021/11/nft-e-eleita-palavra-do-a-
no-pelo-dicionario-collins-veja-top-10.shtml](https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2021/11/nft-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-collins-veja-top-10.shtml).
Acesso em: 24 mar. 2022.

Submissão: abril de 2022.

Aceite: agosto de 2022.